

O AÇAÍ NA MERENDA ESCOLAR: TRADIÇÃO ALIMENTAR E IDENTIDADES

Luana Carneiro Bezerra

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Currículo e Gestão da Escola Básica - PPEB

luanabezerra31@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto de uma pesquisa realizada na Escola de tempo integral E.M. Joaquim Mendes Contente, no município de Abaetetuba. A pesquisa teve como objetivos refletir o açaí como indispensável na alimentação dos povos ribeirinhos de Abaetetuba; refletir como crianças e jovens representam e constituem suas identidades por meio do açaí.

A pesquisa é uma aproximação da etnografia pós-moderna (Clifford, 1998), os sujeitos da pesquisa são alunos e alunas do 1º ao 5º ano, alguns profissionais da escola e integrantes do conselho da merenda escolar. Além da observação, a produção de informações se deu por meio de conversações, captura de imagens para a composição do diário de campo.

Os resultados informam que a relação do Abaetetubense com o açaí é diferenciada dos demais paraenses, pois ao longo dos anos este fruto se tornou a refeição principal em suas mesas, tanto que na Escola Mendes Contente, no horário do almoço, sem o açaí alunos deixam de almoçar havendo grande desperdício de comida. O Conselho de Alimentação Escolar (CAE), e a Prefeitura Municipal de Abaetetuba (PMA) desconsideraram essa tradição alimentar da cultura local, pois não reconhecem a centralidade do açaí como hábito alimentar, logo, não pensam uma política cultura de merenda escolar que inclua o açaí, para evitar o desperdício e garantir a alimentação de qualidade na escola, para o desenvolvimento físico e social dos alunos, e para a constituição de identidades pelo pertencimento.

DESENVOLVIMENTO

Durante anos, os abaetetubenses desenvolveram uma forma particular de se relacionar com o açaí, carregado de costumes e crenças, que ao mesmo tempo que os identifica coletivamente como paraenses, cria identidades regionais carregadas de uma tradição ímpar. Pois, identidade é marcada por meio de símbolos (SILVA, 2000, p.08), há uma associação da identidade da pessoa com as coisas que ela consome e usa.

Uma vez que a tradição marca a identidade local, faz-se necessário discutir sobre ela. Hall (2002) explica esse fato afirmando que, “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado”. O autor também percebe a identidade como algo construída historicamente e não de maneira biológica e fixada.

A respeito de Abaetetuba e a realidade da escola EMEF Joaquim Mendes Contente, é possível observar em vários diálogos dentro deste espaço, como a identidade do sujeito ribeirinho está ancorada ao consumo de açaí, pois, “existe uma associação entre a identidade da pessoa e as coisas que uma pessoa usa” (WOODWARD, 2000, p. 4). A autora ainda argumenta que:

As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença (WOODWARD, 2000, p. 28).

Neste caso, o açaí, ao mesmo tempo que identifica os paraenses, também diferencia, pois os Abaetetubenses consomem o fruto de maneira diferente, já que para estes, açaí não é fruta, bebida e nem sobremesa, é comida, um item indispensável na alimentação local.

A análise das práticas de alimentação e dos rituais associados com o consumo de alimentos sugere que, ao menos em alguma medida, “nós somos o que comemos”. Na verdade, se consideramos as coisas que, por uma razão ou outra, nós não comemos, talvez a afirmação mais exata seja a de que “nós somos o que não comemos” (WOODWARD, 2000, p. 34).

Trago essas proposições devidas as inúmeras observações feitas na escola, já que o açaí não era oferecido pela instituição, mas ficava a cargo dos alunos/as, o que fazia deste alimento, uma verdadeira moeda de troca dentro da escola, além de impactar profundamente na alimentação daqueles que não tinham condições de levar seu açaí. Outro ponto que chama atenção, é o desperdício de alimento dentro da escola, justamente dos alunos/as que não tinham condições de levar o açaí, cerca de 8kg a 10kg de comida iam pro lixo todos os dias, porque as crianças não sentiam vontade de comer sem o açaí e por vezes isso era intitulado como “frescura” e “tolice” pelas serventes e professores/as, os mesmos que em seus horários de almoço, não abriam mão do seu açaí.

Falo em moeda de troca, pois as mais diversas trocas eram feitas dentro da escola de ensino fundamental EMEF Joaquim M. Contente. Os que traziam mais açaí e farinha, repartiam com seus melhores amigos, trocavam por favores como escrever o dever da lousa, um lugar na frente ou até mesmo por um dever de casa pronto.

Nesta perspectiva, a tradição alimentar do açaí passa a ser considerada uma instância cultural que possui uma pedagogia, por transmitir significados ou conhecimentos culturais que “[...] são vitais na formação da identidade” (SILVA, 1999, p. 140), pois neste caso, remetem ao pertencimento (BAUMAM, 2012). Sendo assim, vejo a necessidade de considerar o processo de constituição do sujeito abaetetubense, como sujeitos que pertencem ao mundo ribeirinho, território no qual há a abundância do “ouro negro”, que é o açaí, praticamente o item mais básico de sua alimentação. Por isso, o açaí precisa ser parte da merenda escolar.

Sobre política cultural me refiro ações que considerem a relação entre sujeito e conhecimento por intermédio da cultura, seus artefatos e elementos. Trago a política cultural como uma ação para além das questões pedagógicas da escola, pois esta é capaz de pensar a questão de maneira mais particular, e não somente para a ótica escolar, pois a alimentação é uma questão política e cultural, que incide no pedagógico, na aprendizagem. Nessa perspectiva, política cultural considera a autobiografia, a vida, um percurso, um texto que produz identidade.

Portanto, para refletir sobre a política cultural local é preciso mapear as culturas, conhecer sua história, seus elementos e significados, e o que está produz nos sujeitos, já que a cultura passa a ser reconhecida como “um sistema de significações mediante o qual uma dada ordem social é comunicada, reproduzida, vivenciada e estudada” (WILLIAMS, 1992, p. 12).

CONCLUSÕES

Através dos resultados obtidos na escola, foi possível observar que a falta de conhecimento da cultura local, de seus significados, e das identidades produzidas, interfere de maneira negativa em vários aspectos da vida dos estudantes. O não reconhecimento do açaí como um símbolo que identifica a cultura ribeirinha, faz com que este alimento seja desprezado como parte do cardápio alimentar dos alunos, além de produzir uma série de discursos negativos sobre as várias formas de se consumir este alimento.

Mas o atual cenário cultural é marcado pela diluição das fronteiras que separavam cultura e escola, redefinindo o que se considerava como conhecimento e como cultura. Através do conhecimento do que é cultura e a escola, somos capazes de interpretar e assim respeitar outras culturas e outros sujeitos, entendendo que não há uma única forma de se relacionar com determinados símbolos culturais. Neste ambiente cultural modificado, todo conhecimento que se constitui em sistema de significação é cultural, e toda cultura é considerada como pedagogia, pois sempre tem algo a ensinar.

REFERÊNCIAS

_____. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz T. (Org.).

Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura:** notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. 1997.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HOBBSBAWM, Eric. **A invenção das tradições.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. pp.9-23

CLIFFORD, James. A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

WILLIAMS, Raymond. Cultura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992

WOODWARD, Kathren. Identidade e diferença. In: SILVA, Tomaz T. (Org.).

Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 200